

O GÊNERO TEXTUAL MEME NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

THE MEME TEXT GENRE IN PORTUGUESE LANGUAGE TEACHING

EL GÉNERO TEXTUAL MEME EN LA ENSEÑANZA DE LA LENGUA PORTUGUESA

Daiane Pereira da Rosa¹
Clair Terezinha Corbani²

Resumo

Este artigo busca contribuir com a pesquisa de práticas de linguagens digitais, previstas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o ensino médio, por meio do gênero textual meme. O estudo vem da necessidade de planejar aulas de língua portuguesa com competências e habilidades oriundas das tecnologias digitais, para aproveitar a identificação e o interesse dos alunos por eles, para produzir aprendizados significativos da linguagem, que mostrem a língua em funcionamento. Para isso, discute-se a relevância do trabalho com os gêneros textuais na escola e o potencial educativo do meme enquanto texto multissemiótico. O resultado apresenta uma pluralidade de práticas de linguagens possíveis de serem trabalhadas com os memes para ampliar o repertório dos estudantes e enriquecer as aulas de língua portuguesa. Esta pesquisa tem como base teórica os estudos de Marcuschi (2010) sobre gêneros textuais, a concepção sociointeracionista e a proposta teórico-metodológica de sequência didática de Dolz e Schneuwly (2004) e os direcionamentos sobre linguagens e tecnologias digitais na educação básica da BNCC (2018).

Palavras-chave: Gêneros textuais. Memes. Língua Portuguesa. BNCC.

Abstract

This article seeks to contribute to the research of digital language practices, foreseen in the National Common Curricular Base (BNCC) for high school, through the meme text genre. The study comes from the need to plan Portuguese language classes with competencies and skills derived from digital technologies, to take advantage of the students' identification and interest in them, to produce meaningful language learnings, that show the language in operation. For this, the relevance of working with text genres at school and the educational potential of the meme as a multisemiotic text are discussed. The result presents a plurality of language practices that can be worked with memes to expand the students' repertoire and enrich the Portuguese language classes. This research is based on Marcuschi's (2010) studies on text genres, the socio-interactionist conception and the theoretical-methodological proposal of didactic sequence by Dolz and Schneuwly (2004) and the directions on languages and digital technologies in BNCC basic education (2018).

Keywords: Text Genres. Memes. Portuguese language. BNCC.

Resumen

Este artículo trata de contribuir con la investigación de prácticas de lenguajes digitales, previstas en la Base nacional Común Curricular (BNCC) para la educación media, por medio del género textual meme. El estudio surge de la necesidad de planificar clases de lengua portuguesa con competencias y habilidades provenientes de las tecnologías digitales, para aprovechar la identificación y el interés de los alumnos por ellas, para producir aprendizajes significativos del lenguaje, que muestren la lengua en funcionamiento. Para ello, se discute la relevancia del trabajo con los géneros textuales en la escuela y el potencial educativo del meme como texto multisemiótico. El resultado presenta una pluralidad de prácticas de lenguaje posibles de ser trabajadas con los memes, para ampliar el repertorio de los estudiantes y enriquecer las clases de lengua portuguesa. Esta

¹ Graduanda em Formação Pedagógica em Letras. Centro Universitário Internacional Uninter. E-mail: daia.rosa@yahoo.com.br.

² Graduada em Letras - Português/Inglês. E-mail: claircorbani01@gmail.com.

investigación tiene como base teórica los estudios de Marcuschi (2010) sobre géneros textuales, la concepción sociointeraccional y la propuesta teórico-metodológica de secuencia didáctica de Dolz y Schneuwly (2004) y las orientaciones sobre lenguajes y tecnologías digitales en la educación básica de la BNCC (2018).

Palabras-clave: Géneros textuales. Memes. Lengua Portuguesa. BNCC.

1 Introdução

Em uma era pós-digital³, em que as tecnologias são onipresentes e que indivíduos passam cada vez mais tempo conectados, os desafios educacionais são ainda maiores. Os estudantes da educação básica são nativos digitais⁴ - aqueles que nasceram e cresceram inseridos nesse universo digital - e os aparatos tecnológicos fazem parte natural do dia a dia deles. Notícias *online*, conversas em tempo real e publicações em redes sociais são consumidas e produzidas pelos alunos de diversas faixas etárias.

Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD Contínua (IBGE, 2019), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostram que os adolescentes e os jovens adultos são os mais conectados. No último trimestre de 2018, 87,7% das pessoas na faixa etária de 14 a 17 anos utilizaram a *internet*, número que subiu para a média de 90% de 18 a 29 anos, e depois declinou gradativamente até chegar ao percentual de apenas 38,7% com 60 anos ou mais.

Entre as gerações de não usuários, as motivações para não acessar a *internet* são bem distintas. De 14 a 17 anos, o principal motivo é a razão econômica, que atingiu o ápice com 53,4%, enquanto a falta de interesse e habilidade em usar a rede é o argumento de 92,9% das pessoas com 60 anos ou mais. Dados que comprovam a afinidade dos jovens alunos com o uso da *internet* e das tecnologias.

Neste contexto, os docentes se deparam com o desafio de despertar o interesse de crianças e adolescentes para o conteúdo curricular, disputando espaço com todos os atrativos conteúdos digitais. Como a abordagem tradicional de ensino tem se mostrado ineficiente, como a própria Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2018) aponta, é necessário apostar em procedimentos pedagógicos mais envolventes, que mostrem a aplicação do conhecimento e, paradoxalmente, se apropriem dos recursos, das linguagens e dos formatos digitais.

³ Esse conceito foi atribuído pelo autor Walter Longo (2014) para referenciar a realidade vivenciada atualmente com a onipresença das tecnologias digitais e seus impactos nas relações humanas e comunicativas.

⁴ O termo "nativos digitais" é de Marc Prensky (2001), que discorre sobre o pensamento e o comportamento diferenciado das pessoas que nasceram na era digital.

O domínio da cultura digital é uma necessidade tão latente da educação brasileira, que a nova BNCC (BRASIL, 2018) elenca esse domínio como uma das 10 competências gerais consideradas aprendizagens essenciais para a formação humana integral. O documento define os conhecimentos que todos os alunos devem desenvolver durante a educação básica.

Embora não seja algo novo no estudo da linguística, os gêneros textuais ganharam destaque na BNCC e em diversas pesquisas que mostram seu potencial no ensino de língua portuguesa. Essa abordagem em sala de aula é defendida para preparar os alunos para situações reais de uso e de interpretação da linguagem e do discurso em diversas práticas sociais.

A utilização dos gêneros na escola é respaldada pela teoria sociointeracionista, que contempla a aprendizagem por meio da interação social. Nessa perspectiva teórica, a construção do conhecimento depende dos contextos históricos, sociais e culturais e da interação do indivíduo com o meio em que se relaciona. “O desenvolvimento na idade escolar só se torna possível graças ao ensino e à aprendizagem intencionais, que supõem um pré-enquadre da situação e uma tomada de consciência por parte dos participantes: o professor e seus alunos” (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 38).

Nesses estudos, a sequência textual é um procedimento de destaque para trabalhar com os gêneros. “Uma ‘sequência didática’ é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”, explicam Dolz e Schneuwly (2004, p. 82).

Os gêneros dão suporte à comunicação que exercemos a todo momento, porque tudo o que é dito pertence a algum deles, que sustenta e dá forma à linguagem. De acordo com Marcuschi (2010, p. 19), o surgimento está relacionado às necessidades, às ações socioculturais e às inovações tecnológicas: “hoje, em plena fase da denominada cultura eletrônica, [...] presenciamos uma explosão de novos gêneros e novas formas de comunicação, tanto na oralidade como na escrita”.

Em meio aos diversos gêneros textuais existentes, temos o meme, que possui forte relação com o cotidiano dos estudantes. Segundo o Museu de Memes (2015, *online*), o termo é definido como “um fenômeno típico da *internet*, e pode se apresentar como uma imagem ou analogia, uma frase de efeito, um comportamento difundido, um desafio”. Contudo, longe de ser apenas um mero entretenimento, ele é um gênero multissemiótico, que pode ser usado como objeto de ensino.

Diante disso, levanta-se o seguinte problema: como utilizar o gênero meme como procedimento para ampliar o repertório de linguagens digitais dos alunos nas aulas de língua portuguesa no ensino médio? A hipótese é de que o professor encontra amparo no

sociointeracionismo para formular atividades com práticas de linguagem diversas, em uma sequência didática sobre os memes.

Com a realização de uma pesquisa bibliográfica, o objetivo geral deste trabalho é contribuir com o desenvolvimento das práticas de linguagens digitais da competência específica 7 da área de linguagens e suas tecnologias da BNCC para o ensino médio, por meio de uma sequência didática com o gênero meme. Os objetivos específicos são: discutir a importância dos gêneros textuais e mostrar os memes como um gênero em potencial para práticas educacionais em sala de aula.

2 Os gêneros textuais na aprendizagem

Toda interação verbal se concretiza por meio de textos escritos ou orais. A todo momento o ser humano utiliza a linguagem para entender e ser entendido, expressar opiniões e se relacionar com os demais. Diferentes situações de comunicação e contextos sociais requerem configurações distintas e particulares de texto. Esses tipos de textos com características específicas são os gêneros textuais.

“Para tornar possível a comunicação, toda sociedade elabora formas relativamente estáveis de textos que funcionam com intermediárias entre o enunciador e o destinatário, a saber, os gêneros”, definem Dolz e Schneuwly (2004, p. 142). Os autores partem da ideia de que não há como se comunicar senão por meio de um texto em algum gênero textual.

Para Marcuschi (2010), são os gêneros que ordenam as ações comunicativas do cotidiano, desde as mais simples até as mais complexas. Apesar de mediar o discurso em práticas sociais com formas relativamente estáveis de interação, são maleáveis, não bloqueiam a criatividade e podem se alterar ao longo do tempo e ainda originar novos formatos, de acordo com as necessidades socioculturais. Sua estrutura pode ser definida desta maneira:

Situando-se na perspectiva bakhtiniana, consideramos que todo gênero se define por três dimensões essenciais: 1) os conteúdos que são (que se tornam) dizíveis por meio dele; 2) a estrutura (comunicativa) particular dos textos pertencentes ao gênero; 3) as configurações específicas das unidades de linguagem, que são sobretudo traços da posição enunciativa do enunciador, e os conjuntos particulares de sequências textuais e de tipos discursivos que formam sua estrutura (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 44).

Esses pesquisadores se valem das abordagens teóricas de Bakhtin (1997) e Vygotsky (1988), baseados na concepção sociointeracionista, que entende a prática da linguagem e a interação entre os sujeitos como pontos centrais da aprendizagem. O conhecimento é compreendido como uma construção social.

“Para o ‘interacionismo social’, a consciência de si e a construção das funções superiores são estreitamente dependentes da história de relações do indivíduo com sua sociedade e da utilização da linguagem”, pontuam Dolz e Schneuwly (2004, p. 39). É fundamental considerar que a comunicação varia em função do emissor, do receptor e das condições de produção. É essa relação que existe entre o usuário e o contexto da língua em funcionamento que interessa a essa teoria.

Assim, essa concepção teórica reconhece a linguagem como fenômeno social e defende o uso sistematizado dos gêneros textuais em sala de aula. Intencionalmente ou não, o ensino da linguagem perpassa a discussão dos gêneros. No entanto, ao colocá-los como instrumento central de aprendizagem, eles podem atuar como ferramentas-chave no desenvolvimento das práticas de linguagem de leitura, produção de textos, oralidade (escuta e produção oral) e análise linguística/semiótica, previstas na BNCC.

Segundo Dolz e Schneuwly (2004), não é novidade a utilização do texto na escola. O que muda é o foco que deixa de ser normativo, baseado apenas em normas e regras gramaticais, e passa a ser procedimental, em que também são valorizados os usos da língua. “O desenvolvimento da autonomia do aprendiz é, em grande parte, consequência da maestria do funcionamento da linguagem em situações de comunicação” (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 40).

Nesse entendimento, o que importa é a língua viva, usada no cotidiano tanto em situações corriqueiras quanto em outras mais formais de interação. Mais do que as propriedades, são as significações geradas pelo texto em circulação que ganham enfoque, o que contribui para a reconstrução da prática docente. O professor precisa ter pontos de partida e abordagens diferenciadas para despertar o interesse ao mostrar a aplicação do conteúdo. Isso para que o aluno, diante da multiplicidade de gêneros textuais, aprenda a identificá-los e reproduzi-los.

Desta forma, é preciso atualizar os métodos utilizados em sala de aula, que há anos se apresentam como um dos desafios educacionais. Melo (2018) afirma que a escola com currículo tradicional apresenta um ensino fragmentado, em que o estudante não consegue usar os itens linguísticos aprendidos em situações reais de comunicação ou na escrita e leitura de textos.

“A escola acaba por fazer o aluno acreditar que o que é ensinado e é aprendido não serve para nada fora da sala de aula, visto que o educando não consegue enxergar a funcionalidade da língua, por não ser estimulado a isso”, analisa Melo (2018, p. 266). Por isso, os professores devem apostar no trabalho contextualizado com gêneros textuais para que os estudantes tenham a possibilidade de ampliar seu repertório e alcançar o domínio da língua materna para interpretar, produzir e usar adequadamente os mais diversos textos orais e escritos.

Os diferentes gêneros podem ser ensinados por meio da sequência didática, que é um procedimento metodológico com grande prestígio nos estudos do sociointeracionismo. “Sequência didática, a saber, uma sequência de módulos de ensino, organizados conjuntamente para melhorar uma determinada prática de linguagem”, definem Dolz e Schneuwly (2004, p. 43). Ou seja, trata-se de um método de organizar as atividades em torno de um gênero textual.

Uma sequência didática tem, precisamente, a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação [...] As sequências didáticas servem, portanto, para dar acesso aos alunos a práticas de linguagem novas ou dificilmente domináveis” (DOLZ e SCHNEUWLY, 2004, p. 83).

As sequências vêm para sistematizar e organizar o ensino de gêneros, para que os alunos possam aprimorar as práticas sociais de linguagem. Entre suas finalidades está a de “preparar os alunos para dominar sua língua nas situações mais diversas da vida cotidiana, oferecendo-lhes instrumentos precisos, imediatamente eficazes, para melhorar suas capacidades de escrever e falar”, como defendem Dolz e Schneuwly (2004, p. 93).

A BNCC, que é um documento que define as aprendizagens que todos os alunos devem desenvolver durante a educação básica, sugere o uso dos gêneros textuais como aliados no processo de ensino-aprendizagem de língua portuguesa. A diretriz pontua que, nessa disciplina do ensino médio, deve ocorrer a consolidação dos gêneros textuais trabalhados no ensino fundamental e a ampliação do repertório com gêneros cada vez mais complexos.

“No ensino médio, o foco da área de linguagens e suas tecnologias está na ampliação da autonomia, do protagonismo e da autoria nas práticas de diferentes linguagens” (BRASIL, 2018, p. 471). O forte envolvimento da juventude com a cultura digital ganha papel de destaque na educação, porque a BNCC reconhece as potencialidades das tecnologias digitais para o desenvolvimento de cidadãos críticos e de profissionais preparados para as novas exigências do mercado de trabalho.

As competências e as habilidades nessa área do conhecimento foram definidas para permitir ao estudante “apropriar-se das linguagens da cultura digital, dos novos letramentos e dos multiletramentos para explorar e produzir conteúdos em diversas mídias” (BRASIL, 2018, p. 475). A competência específica 7, de linguagens e suas tecnologias para o ensino médio, trata particularmente dessa capacidade que o aluno deve desenvolver:

Mobilizar práticas de linguagem no universo digital, considerando as dimensões técnicas, críticas, criativas, éticas e estéticas, para expandir as formas de produzir sentidos, de engajar-se em práticas autorais e coletivas, e de aprender a aprender nos

campos da ciência, cultura, trabalho, informação e vida pessoal e coletiva (BRASIL, 2018, p. 490).

Em língua portuguesa, destaca-se no campo jornalístico-midiático a habilidade (EM13LP43) de “atuar de forma fundamentada, ética e crítica na produção e no compartilhamento de comentários, textos noticiosos e de opinião, memes, *gifs*, remixes variados etc. em redes sociais ou outros ambientes digitais” (BRASIL, 2018, p. 522), que será trabalhada na sequência didática proposta neste artigo, em consonância com o desejo da BNCC de “formar esses jovens como sujeitos críticos, criativos, autônomos e responsáveis” (BRASIL, 2018, p. 463) .

2.1 O meme como gênero textual

Neste contexto digital, a apropriação que se faz das tecnologias muda a forma do ser humano se relacionar com as pessoas e com o mundo e, ao mesmo tempo, contribui para o desenvolvimento de novos gêneros textuais. Marcuschi (2010, p. 20) destaca que “não são propriamente as tecnologias *per se* que originam os gêneros e sim a intensidade dos usos dessas tecnologias e suas interferências nas atividades comunicativas diárias”.

São inúmeros os gêneros existentes e novos que podem surgir a qualquer momento para atender às necessidades de novas maneiras de se comunicar. A *internet*, que é um meio amplo e ágil de propagação de informações, dá suporte ao surgimento e à reprodução de novos gêneros multissemióticos. De acordo com Marcuschi (2010, p. 20),

Esses gêneros que emergiram no último século no contexto das mais diversas mídias criam formas comunicativas próprias com um certo hibridismo que desafia as relações entre oralidade e escrita e inviabiliza de forma definitiva a velha visão dicotômica ainda presente em muitos manuais de ensino de língua. Esses gêneros também permitem observar a maior integração entre os vários tipos de semioses: signos verbais, sons, imagens e formas em movimento (MARCUSCHI, 2010, p. 20).

Este é o caso dos memes. Esse é um gênero textual relativamente novo, disseminado nas últimas duas décadas e que já caiu no gosto dos internautas, principalmente entre os mais jovens e conectados. Mas o que é um meme? A resposta não é simples e envolve várias considerações importantes. Vamos a elas.

Sem a menor pretensão de se tornar o que significa hoje, o termo foi empregado pela primeira vez pelo biólogo Richard Dawkins, no livro de sua autoria intitulado *The Selfish Gene* (O Gene Egoísta), em 1976. De acordo com o Museu de Memes (2015), a palavra surgiu de uma adaptação da raiz grega “*mimeme*” (μίμημα), que significa imitação, para se referir ao

evolucionismo cultural que despertou a atenção do pesquisador em sua tese sobre determinismo genético. De modo sintetizado, nessa concepção original, o meme seria uma ideia com capacidade de autopropagação, disseminada pela sociedade com determinados padrões culturais.

No entanto, foi muito mais tarde, somente entre o fim da década de 1990 e o começo da década de 2000, que o meme, como conhecemos hoje, ganhou capilaridade. A expansão da *internet* e o *boom* das redes sociais e dos aplicativos de mensagens contribuíram fortemente para que o gênero pudesse se propagar pela *web*, viralizar entre os usuários da rede e ser o sucesso que é atualmente.

O meme é fenômeno da *internet*, com elementos da cultura popular, pautado em acontecimentos marcantes e inusitados que ganham repercussão imediata nas redes digitais. Entre os assuntos que o originam, temos fatos públicos, notícias, trechos de declarações, acontecimentos políticos, econômicos, culturais, esportivos, de entretenimento (filmes, séries, novelas...) e da própria *internet*, protagonizados por personalidades públicas ou por pessoas anônimas, que se tornam famosas repentinamente por causa de conteúdos miméticos em que estão envolvidas.

Um novo meme surge quando diversas pessoas se apropriam de determinado assunto do momento e produzem conteúdos satíricos por meio de imagens legendadas, *gifs*, vídeos, frases de efeito ou da mistura desses elementos. Segundo o Museu de Memes (2015), uma característica desse gênero é que as peças são reapropriadas pelos usuários, passando por um processo de releitura, em que podem ser alteradas antes de serem novamente compartilhadas.

Apesar das inúmeras possibilidades, um meme é facilmente reconhecido. Um conteúdo visual com referências intertextuais e ambiguidade proposital, geralmente com linguagem intencionalmente descuidada, sem preocupação com as normas ortográficas e gramaticais e com pouca qualidade técnica, estão entre as formas mais recorrentes. “Apesar da diversidade de linguagem, a leitura rápida e visual são algumas das principais características que ajudam a reconhecer o gênero e sua funcionalidade comunicativa rodeada de humor, ironia, sarcasmo e crítica social”, como ressaltam Berger e Anecleto (2019, p. 335).

É preciso ter o cuidado de analisar um meme dentro de seu contexto de produção para não ter uma compreensão equivocada de seu conteúdo. O humor, que é um recurso linguístico bastante explorado no gênero, também pode esconder perigosas ideologias de ódio, preconceito e discriminação. Por isso, é primordial entender o contexto histórico-crítico em que ele foi produzido para verificar se a realidade não está distorcida ou apresentada com estereótipos sociais.

O meme é bastante democrático na medida em que pode ser feito por qualquer pessoa, em qualquer lugar do mundo, com o mínimo de habilidade com ferramentas de edição de imagem, áudio ou vídeo. Os estudantes da atualidade, que participam ativamente da construção diária da cultura online, são consumidores e produtores diretos desse tipo de gênero.

O que se propõe, ao usar o meme, é explorar a afinidade do aluno com esse gênero das novas mídias para que eles possam ser fluentes no uso das linguagens digitais e cidadãos preparados para os desafios contemporâneos. Que eles sejam protagonistas e capazes de refletir criticamente sobre questões sociais, históricas e culturais e de ler e interpretar os mais diversos textos e o próprio mundo. O meme nas aulas de língua portuguesa pode ser a ponte para a construção de conhecimentos significativos, que contribuam para um efetivo letramento midiático.

2.2 Metodologia

A escolha do método pedagógico da sequência didática, para um futuro planejamento de aula e conteúdo, deve-se ao fato dele ser privilegiado nos estudos sociointeracionistas sobre classificação e ensino de gêneros. A sequência conta com quatro etapas obrigatórias: apresentação da situação, primeira produção, módulos e produção final.

Na primeira parte, o gênero estudado e o projeto que será desenvolvido a partir dele são apresentados aos alunos. Depois, vem a produção inicial, que é a “primeira tentativa de realização do gênero que será, em seguida, trabalhado nos módulos” (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 84). Nessa fase, o estudante vai produzir um primeiro texto, oral ou escrito, que vai revelar o nível de compreensão do gênero e servirá de base para que o professor identifique as dificuldades da turma e adapte as seguintes etapas da sequência, de acordo com as necessidades do grupo.

Posteriormente, é a vez dos módulos, em que serão aprofundados os problemas encontrados. O objetivo dessa fase é fornecer reflexões, conhecimentos e instrumentos para que os alunos possam superar suas limitações. Então, chega-se à última produção, em que o estudante fará um novo texto do gênero estudado, munido dos aprendizados adquiridos ao longo de todas as etapas. “A sequência é finalizada com uma produção final que dá ao aluno a possibilidade de pôr em prática as noções e os instrumentos elaborados separadamente nos módulos”, esclarecem Dolz e Schneuwly (2004, p. 90).

Convém enfatizar que a modularidade, que é princípio geral das sequências didáticas, “se inscreve numa perspectiva construtivista, interacionista e social que supõe a realização de

atividades intencionais, estruturadas e intensivas que devem adaptar-se às necessidades particulares dos diferentes grupos de aprendizes”, conforme apontam Dolz e Schneuwly (2004, p. 93). As sequências são um flexível instrumento pedagógico para tornar as aulas mais atrativas e adequadas à realidade de cada classe escolar.

Desta forma, o gênero multissemiótico meme foi escolhido para ser trabalhado na sequência didática por ser um formato que tem proximidade com o dia a dia dos estudantes e pelas várias possibilidades de conteúdos que podem ser estudados por meio dele. A identificação dos jovens com o gênero, o fato de ser uma tendência e o enriquecimento que ele pode trazer para a sala de aula foram decisivos na seleção. Para Berger e Anecleto (2019, p. 335):

O sujeito expõe elementos do mundo da vida nos memes, mostrando as condições em que estão inseridos, as relações pessoais, elementos da sua cultura e a dinâmica social. Através da linguagem dos memes, o sujeito dialoga com seu interagente, problematizando e dando sentido ao conjunto de ideias que fluem no convívio social, as transformações que a sociedade passa, colaborando para a percepção do indivíduo como sujeito autônomo e dinâmico.

Destaca-se a decisão de ter selecionado um meme norteador da sequência didática. A ideia de explorar um exemplo serve para mostrar as possibilidades de abordagens que se abrem por meio dele. Buscou-se um meme atual, de 2019, ano em que se iniciou esta pesquisa, que apresentasse vários caminhos de discussão da linguagem. O escolhido foi o meme “Cocô dia sim, dia não”, protagonizado pelo atual Presidente da República, Jair Bolsonaro. Confira a situação que o originou, como aponta Souza (2019, *online*):

Na manhã do dia 09 de agosto de 2019, quando saía do Palácio da Alvorada em direção a um evento no Clube do Exército, o presidente Jair Bolsonaro respondeu a algumas perguntas de jornalistas sobre agrotóxicos liberados para o uso no agronegócio e sobre a Amazônia. O repórter Fabio Murakawa do Valor Econômico perguntou: “Presidente, é possível crescer com preservação?” Após a resposta afirmativa do presidente, o repórter pergunta como seria possível o crescimento sustentável. Imediatamente Bolsonaro responde: “É só você deixar de comer menos um pouquinho. Tá? Quando se fala por aí em poluição ambiental é só você fazer cocô dia sim, dia não que melhora bastante a nossa vida também. Certo?”

A resposta inesperada do político logo ganhou repercussão em redes sociais, veículos jornalísticos (inclusive internacionais) e, posteriormente, foi assunto de questão no vestibular da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR). Vale lembrar que Jair Bolsonaro é famoso no universo dos memes, em função de suas declarações polêmicas, desde a sua candidatura à presidência.

O estranhamento do tom inapropriado de argumentação aconteceu porque essa não é a postura que se espera de um Chefe de Estado. A expectativa é de que um Presidente da República tenha argumentos e projetos concretos para enfrentar um problema tão sério quanto o ambiental e que não deboche publicamente de um profissional de imprensa no cumprimento do seu trabalho. Ressalta-se que nenhuma das perguntas do jornalista do renomado veículo de comunicação foi ofensiva.

Logo, pode-se classificar esse meme como de discussão pública, por envolver um personagem político e de retórica ético/moral por conta de seu conteúdo, de acordo com Souza (2019). Abaixo, são apresentados alguns exemplos de memes sobre essa temática, extraídos do Museu de Memes (2015). Esse museu é um trabalho de caráter científico, desenvolvido por alunos e pesquisadores de graduação e pós-graduação da Universidade Federal Fluminense (UFF).

Imagem 1: Meme os activistas

Os activistas



Fonte: Souza - Museu de Memes (2019).

Imagem 2: Meme preservação da natureza



Fonte: Souza - Museu de Memes (2019).

Imagem 3: Meme Ex-Presidente Dilma Rousseff



Fonte: Souza - Museu de Memes (2019).

Em uma sucinta explicação, o meme da imagem 1 faz referência intertextual ao produto Activia, da marca Danone, conhecido por ajudar no funcionamento regular do intestino; a imagem 2 é uma sátira sobre a preservação do meio ambiente e a vontade de fazer cocô sempre que tiver vontade; e a imagem 3 dialoga com a rivalidade entre petistas e bolsonaristas, defensores dos respectivos governos.

Conforme apresentado, esse assunto e gênero são repletos de intertextualidade e ampliam as possibilidades de trabalho em sala de aula, inclusive com atividades interdisciplinares. Uma possibilidade seria trabalhar sobre medidas para diminuir os impactos ambientais e preservar o meio ambiente. Nas aulas de biologia, por exemplo, seriam estudadas formas de preservação da natureza e, nas de português, o assunto seria abordado por meio do gênero apresentação oral, no qual os alunos poderiam defender desde atitudes individuais até políticas públicas, como sugestão de uma resposta mais adequada do presidente à questão que originou o meme.

Outros aspectos que podem ser explorados posteriormente são questões gramaticais, ortográficas e de pontuação. Pois, mesmo que os memes tenham erros propositais, conhecer o que a norma padrão recomenda e como as pessoas fazem o uso da língua é importante para dominar situações comunicativas diversas e compreender o fenômeno das variações linguísticas.

3 Considerações finais

A discussão sobre a importância do ensino dos gêneros textuais evidenciou o potencial educativo do meme. Pois embora os estudantes tenham contato direto com esse gênero, não se pode supor que a produção e a leitura crítica de memes sejam aprendizados naturais. Ao

contrário, o domínio pleno requer o desenvolvimento de um conhecimento sistematizado, como o produzido pela sequência didática.

Existem indícios de que o formato não seja o maior problema, já que os alunos têm familiaridade com o gênero e *softwares online* de edição à disposição. Além disso, em sites de buscas não faltam referências técnicas sobre como fazer um meme. No entanto, nota-se a escassez de informação sobre a montagem criativa de conteúdo e de formas inteligentes de apresentar uma crítica por meio do meme.

Por isso, é fundamental trabalhar aspectos mais complexos que envolvem o gênero, como as referências intertextuais e a estrutura ideológica. Os memes devem ser analisados criticamente para que os estudantes aprimorem a capacidade de compreender, interpretar e expressar ideias em diversas linguagens.

Com isso, comprova-se a hipótese de que o docente, amparado pelo sociointeracionismo, consegue não só desenvolver atividades com práticas de linguagem diversas como trabalhar com todos os quatro eixos (leitura, escrita, oralidade e análise linguística/semiótica) por meio de uma sequência didática sobre o gênero meme. Se o meme, que tem pouco prestígio social, pode ser usado para contribuir para o desenvolvimento das práticas de linguagens digitais que potencializam o multiletramento, então, qualquer gênero textual tem potencial pedagógico para ser explorado em sala de aula.

Chega-se à conclusão de que o domínio dos gêneros textuais, de modo especial os das novas mídias, amplia o repertório linguístico dos alunos e subsidia recursos para que eles possam se desenvolver como cidadãos críticos, responsáveis e conscientes de seu papel social. Por isso, um ensino com vivências significativas da língua materna deve voltar sua atenção para a diversidade de gêneros em circulação e suas formas de apropriação.

Referências

BERGER, I.; ANECLETO, U. C. Memes de internet nas aulas de língua portuguesa: ampliando o estudo dos gêneros discursivos na sala de aula. **Periferia**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 317-343, maio/ago. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/periferia.2019.36343>. Acesso em: 03 dez. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular - BNCC**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 28 jan. 2020.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização Roxane Rojo; Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD Contínua**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, 2019. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/17270-pnad-continua.html?edicao=27138&t=resultados>. Acesso em: 6 de abr. 2020.

LONGO, W. **Marketing e comunicação da era pós-digital - as regras mudaram**. São Paulo: Hsm Editora, 2014.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In*: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (org.). **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Parábola, 2010. p. 19-36.

MELO, M. M. de. Gramática e gêneros textuais: estratégias para o ensino reflexivo. *In*: COELHO, F. A. C.; SILVA, J. E. N.; SANTOS, D. S. (org.). **Materiais didáticos, gêneros textuais e experiências didáticas no ensino de língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2018. p. 260-277. (Série Língua Portuguesa e Ensino, v. 5). Disponível em: http://www.dialogarts.uerj.br/admin/arquivos_tfc_lingua/ff_CONELP_completo_ros05.pdf. Acesso em: 03 dez. 2019.

MUSEU DE MEMES. **O que são memes?** 2015. Disponível em: <https://www.museudememes.com.br/o-que-sao-memes/>. Acesso em: 03 dez. 2019.

PRENSKY, M. Digital Natives, Digital Immigrants. Part II: Do They Really Think Differently? **On the Horizon**, NCB University Press, v. 9, n. 6, Dec. 2001. Disponível em: <https://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part2.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2021.

SOUZA, M. **Cocô dia sim, dia não**. 2019. Disponível em: <https://www.museudememes.com.br/sermons/coco-dia-sim-dia-nao/>. Acesso em: 03 dez. 2019.